

Slide 1: Introdução e Sumário

Por que estamos aqui? - Empoderar mulheres a investir e alcançar independência financeira. - Mostrar como o dinheiro pode crescer e trabalhar por você. - Compreender riscos e construir um plano de longo prazo.

O que veremos hoje? - Dinheiro parado x trabalhando. - Como o mercado se organiza. - Tipos de investimento e risco x retorno. - Renda fixa, renda variável e fundos de investimento. - Diversificação, caixinhas, checklist, mitos e próximos passos.

Depois da apresentação: - Abra conta em uma corretora ou banco confiável. - Defina objetivos e prazos de investimento. - Faça o teste de perfil e estude os produtos. - Use simuladores e continue aprendendo.

Slide 2: Inflação, Taxa Básica de Juros e Juros Compostos

Inflação: aumento generalizado dos preços de bens e serviços ao longo do tempo, reduzindo o poder de compra da moeda.

Taxa básica de juros (Selic): determinada pelo Banco Central, serve como referência para todas as outras taxas de juros na economia.

Juros compostos: juros aplicados sobre o capital inicial e sobre os juros acumulados, gerando crescimento exponencial.

Exemplo: Investindo R\$10.000 a 5% ao ano, no primeiro ano você terá R\$10.500; no segundo ano, os juros incidem sobre R\$10.500, rendendo R\$525, totalizando R\$11.025.

Slide 3: Dinheiro parado x trabalhando

- Dinheiro parado perde valor com a inflação.
 - Juros são o “aluguel do dinheiro”.
 - Juros compostos fazem o dinheiro crescer como uma bola de neve ao longo do tempo.
-

Slide 4: Como o mercado se organiza

- Governo emite títulos públicos (Tesouro Nacional).
- Bancos e corretoras intermediam aplicações e captações.
- Empresas vendem ações ou debêntures para se financiar.
- A B3 é a infraestrutura de negociação.
- Você é a investidora no centro, escolhendo onde aplicar.

Slide 5: Tipos de investimento

- **Renda fixa:** você empresta dinheiro e recebe juros.
 - **Renda variável:** você se torna sócia de empresas e participa dos resultados.
 - **Tesouro Direto:** porta de entrada segura e acessível.
-

Slide 6: Escala de Investimentos – do mais seguro ao mais arriscado

- **Tesouro Selic:** considerado o investimento mais seguro do país, garantido pelo governo federal.
 - **CDB, LCI e LCA:** títulos bancários com baixo risco e garantia do FGC.
 - **Debêntures, CRI/CRA:** títulos privados de risco moderado, sem garantia do FGC.
 - **Fundos de investimento:** risco variável conforme a política de investimentos (renda fixa, multimercado, ações).
 - **Ações:** investimentos de alto risco e alta volatilidade, potencial de maior retorno no longo prazo.
-

Slide 7: Renda fixa, na prática

- **Tesouro Selic:** ideal para reserva de emergência; alta liquidez e baixo risco.
 - **Tesouro IPCA+:** protege contra a inflação, indicado para objetivos de médio e longo prazo.
 - **CDB/LCI/LCA:** emitidos por bancos; verifique prazos e liquidez; possuem garantia do FGC.
 - **Debêntures/CRI/CRA:** títulos privados; oferecem maior retorno em troca de maior risco; avalie a saúde financeira do emissor e diversifique.
-

Slide 8: Renda variável, na prática

- Comprar ações é tornar-se sócia de empresas.
 - Os preços oscilam no curto prazo; exige disciplina e visão de longo prazo.
 - ETFs facilitam a diversificação e reduzem o risco específico.
 - Não existe “dica quente”; existem estratégia, estudo e constância.
-

Slide 9: Fundos de investimento

- Fundos de investimento são veículos coletivos onde investidores aplicam recursos que são geridos por profissionais especializados.
 - **Tipos principais:** fundos de renda fixa, ações, multimercado, cambiais e imobiliários (FIIs).
 - **Vantagens:** gestão profissional, diversificação automática com baixo capital, acesso a ativos sofisticados e diluição de custos entre cotistas.
 - **Custos:** taxa de administração (anual) e, em alguns casos, taxa de performance; esses custos impactam a rentabilidade e devem ser observados.
 - **Regulamentação:** a indústria de fundos no Brasil é regulada pela CVM e autorregulada pela ANBIMA, oferecendo transparência e proteção ao investidor. Existem mais de 50 mil fundos registrados.
 - **Quando utilizar:** fundos são úteis para terceirizar a gestão e acessar estratégias e mercados que exigiriam conhecimento e capital maiores; escolha fundos alinhados ao seu perfil e objetivos (conservador, moderado ou arrojado).
-

Slide 10: Montando a caixinha e estratégias de diversificação

- **Reserva:** 6–12 meses de despesas em produtos de alta liquidez e baixo risco, como Tesouro Selic ou fundos DI.
 - **Médio prazo:** combine títulos pós-fixados, indexados ao IPCA, CDBs e LCIs/LCAs.
 - **Longo prazo:** inclua renda variável de forma gradual (ações, ETFs, fundos imobiliários).
 - **Diversificação entre classes:** distribua recursos entre renda fixa, renda variável, imóveis e outros para reduzir riscos.
 - **Diversificação por setor:** invista em empresas de diferentes setores da economia.
 - **Diversificação geográfica:** inclua ativos internacionais para não depender de um único país.
 - **Diversificação por prazo:** mantenha aplicações de curto, médio e longo prazos para equilibrar liquidez e rentabilidade.
 - **Balanceamento risco/retorno:** misture ativos conservadores e arrojados de acordo com seu perfil de investidora.
-

Slide 11: Exemplo prático – Meta de R\$30 mil

- Meta: juntar R\$30.000 para uma viagem.
- Investimento inicial de R\$15.000 em renda fixa rendendo 10% ao ano ($\approx 0,797\%$ ao mês).
- Aportes mensais de R\$1.000 no mesmo investimento.
- Ao final de 12 meses, o montante acumulado fica em torno de R\$29.000, já próximo da meta, graças aos juros sobre o capital e sobre os aportes mensais.
- No 13º mês, com mais um aporte e juros, o montante ultrapassa R\$30.000 (aprox. R\$30.270).

- Os juros compostos aceleram o alcance da meta em comparação a guardar dinheiro sem rendimento.
-

Slide 12: Mitos

- “**Preciso de muito dinheiro para começar**”: não! O Tesouro Direto permite investimentos baixos.
 - “**Investir é cassino**”: não! O risco pode ser gerenciado com estudo, diversificação e disciplina.
 - “**Poupança é sempre melhor**”: não! Existem alternativas simples e seguras com rentabilidades superiores.
-

Slide 13: Próximos passos & fontes confiáveis

- **Tesouro Direto:** site oficial para conhecer e comprar títulos públicos.
 - **B3 Educação:** cursos e materiais gratuitos sobre investimentos.
 - **Portal do Investidor (CVM):** informações sobre regras e direitos do investidor.
 - **Cidadania Financeira (Banco Central):** educação financeira e simuladores.
-

Slide 14: Ferramentas de simulação

- **Calculadora do Cidadão (Banco Central):** simula investimentos com depósitos regulares, permitindo ajustar aportes, taxas e prazos.
 - Simule diferentes cenários para planejar seus objetivos e entender o impacto dos juros compostos.
 - Portais como InvestNews, InfoMoney e iDinheiro também oferecem simuladores de juros compostos.
 - Lembre-se: as simulações são estimativas; resultados reais podem variar.
-

Slide 15: Perguntas / Mini-atividade

- Anote um objetivo financeiro (viagem, casa, aposentadoria, etc.).
 - Defina um prazo para alcançá-lo.
 - Estabeleça um primeiro passo, como abrir uma conta em corretora ou iniciar um investimento.
 - Compartilhe suas ideias e tire dúvidas com o grupo.
-

Script completo por slide

Slide 1

Apresentar o propósito do encontro: empoderar mulheres a investir e alcançar independência financeira. Explicar que o objetivo é mostrar como o dinheiro pode trabalhar a favor delas, que é possível começar com pouco e que conhecer riscos e estratégias ajuda a construir um plano sólido. Indicar os temas que serão abordados (dinheiro parado vs. trabalhando, estrutura do mercado, tipos de investimento, risco e retorno, renda fixa e variável, fundos, diversificação, checklist, mitos e próximos passos) para que elas saibam o caminho da conversa. Finalizar com um convite: após a apresentação, abrir uma conta em uma corretora ou banco, definir objetivos e prazos, fazer um teste de perfil, estudar produtos, usar simuladores e seguir aprendendo.

Slide 2

Explicar o que é inflação: aumento generalizado dos preços medido por índices como o IPCA, que afetou a economia brasileira com picos acima da meta de 4,5%. Salientar que quando os preços sobem e seu dinheiro não rende, ele perde poder de compra. A taxa Selic, definida pelo Banco Central, funciona como a taxa básica de juros da economia; em 2025 ela estava em torno de 15% ao ano para conter a inflação. Relacionar como a Selic serve de referência para os rendimentos de investimentos de renda fixa, como CDBs e o Tesouro Selic. Mostrar exemplo de juros compostos: R\$10.000 aplicados a 5% ao ano rendem R\$10.500 no primeiro ano; no segundo ano, a taxa incide sobre R\$10.500, gerando R\$525 de juros e totalizando R\$11.025. Ilustrar que esse “juros sobre juros” se acumula exponencialmente, de modo que após 10 anos o investimento quase dobra de valor. Finalizar mostrando a importância de conhecer inflação e Selic para planejar seus investimentos.

Slide 3

Dinheiro parado na conta-corrente ou em casa perde valor com a inflação, pois os preços sobem enquanto o valor nominal do dinheiro fica o mesmo. Por isso dizemos que juros são o “aluguel do dinheiro”: quando você investe, outra pessoa ou instituição utiliza seu capital para financiar um projeto e você recebe juros em troca. Se você reinveste esses juros, aproveita o poder dos juros compostos, ou seja, o “efeito bola de neve”. Um investimento de R\$1.000 a 10% ao ano se torna R\$1.100 ao fim do primeiro ano; se você reinvestir, no segundo ano a taxa incide sobre R\$1.100, resultando em R\$1.210 e assim por diante. Esse crescimento exponencial é o que permite que o dinheiro “trabalhe por você” enquanto dorme.

Slide 4

Para entender o mercado financeiro, imagine uma cadeia: o governo capta recursos emitindo títulos públicos via Tesouro Nacional; bancos emprestam a taxas maiores para empresas e pessoas; corretoras distribuem produtos financeiros e acessam a B3, que é a bolsa de valores e a infraestrutura central de negociação e custódia no Brasil. As empresas vendem ações para captar

capital (mercado de capitais) ou emitem títulos privados como debêntures e CRIs/CRAs. Você, como investidora, está no centro dessa rede, escolhendo se quer emprestar dinheiro ao governo (Tesouro), aos bancos (CDBs) ou participar do capital das empresas (ações), dependendo do seu objetivo e perfil.

Slide 5

Ao falar de tipos de investimento, dividimos em duas grandes famílias: renda fixa e renda variável. Na renda fixa, você sabe a forma de remuneração no momento da aplicação, seja via taxa prefixada, taxa pós-fixada atrelada à Selic ou ao CDI, ou indexada à inflação (IPCA). Exemplos: Tesouro Direto, CDBs, LCIs/LCAs, debêntures e fundos de renda fixa. Na renda variável, não há garantias de retorno; você participa do desempenho do ativo, como ao comprar ações de empresas, ETFs ou BDRs. Um ótimo primeiro passo é o Tesouro Direto, com tíquetes a partir de R\$30, considerado um dos investimentos mais seguros porque é lastreado pelo governo federal.

Slide 6

Nesta escala de risco crescente, iniciamos com o Tesouro Selic, considerado o investimento de risco mais baixo no Brasil, pois é garantido pelo governo federal e tem liquidez diária. Em seguida vêm os CDBs, LCIs e LCAs, títulos emitidos por bancos e garantidos pelo FGC até R\$250 mil por CPF por instituição; são muito seguros se o emissor for um banco sólido. Depois, debêntures, CRIs e CRAs apresentam risco moderado porque são dívidas de empresas sem garantia do FGC, requerendo análise do emissor. Os fundos de investimento têm risco variado de acordo com a carteira: um fundo DI é mais seguro, enquanto um fundo de ações é mais arriscado. No topo da escala estão as ações, que podem variar diariamente com o humor do mercado. Apesar do risco, a renda variável oferece potencial de maior retorno no longo prazo, como mostram índices históricos do Ibovespa.

Slide 7

Na prática da renda fixa, os títulos do Tesouro Direto são o ponto de partida: o Tesouro Selic é ideal para reserva de emergência, pois acompanha a taxa Selic e tem liquidez; o Tesouro IPCA+ protege contra a inflação para horizontes de médio e longo prazo; o Tesouro Prefixado garante uma taxa nominal definida, útil quando se acredita que os juros cairão. Os CDBs, LCIs e LCAs são emitidos por bancos; avalie a solidez do banco, a taxa oferecida (porcentagem do CDI) e a liquidez (se possui prazo de carência); lembre-se da proteção do FGC. Já debêntures, CRIs e CRAs costumam pagar taxas maiores e podem ser isentas de IR (no caso de CRI e CRA), mas é crucial verificar o emissor, a classificação de risco e a diversificação. Uma regra: alinhe a duração do título ao prazo do objetivo.

Slide 8

Investir em renda variável significa se tornar sócia de empresas ou de uma cesta de empresas por

meio de ETFs. As ações têm valor determinado pelo mercado e variam conforme expectativas de lucro, crescimento e cenário econômico. Isso causa volatilidade: em um dia uma ação pode subir 5%, no outro cair 3%. Para diminuir o risco específico, você pode comprar ETFs, que replicam índices como o Ibovespa ou o S&P 500, diversificando automaticamente. O segredo é disciplina: focar no longo prazo, reinvestir dividendos, evitar entrar e sair impulsivamente e compreender que retornos expressivos exigem tempo. Não confie em “dicas quentes”; estude o balanço das empresas, acompanhe indicadores e diversifique seu portfólio.

Slide 9

Os fundos de investimento são “condomínios” financeiros nos quais você compra cotas e um gestor profissional administra os recursos. Há várias categorias: fundos de renda fixa (investem em Tesouro, CDBs, debêntures), fundos de ações (carteira de ações escolhidas pelo gestor), fundos multimercado (combinam estratégias em diferentes mercados), fundos cambiais (ligados a moedas estrangeiras) e fundos imobiliários (FIIs). A grande vantagem é a gestão especializada, a diversificação imediata mesmo com pouco capital e o acesso a ativos e estratégias sofisticadas. Contudo, há custos: taxa de administração e, às vezes, de performance. O investidor deve ler a lâmina e o regulamento, checar a reputação da gestora, avaliar a taxa em comparação com o retorno e considerar seu horizonte: um fundo DI atende à reserva de emergência; um fundo de ações é adequado para longo prazo e perfil arrojado; um fundo multimercado pode ser interessante para diversificação moderada. A indústria brasileira, com mais de 57 mil fundos registrados, é supervisionada pela CVM e ANBIMA, conferindo segurança.

Slide 10

Nesta etapa montamos a “caixinha de investimentos”. Para a reserva de emergência, calcule entre 6 e 12 meses de despesas mensais e invista em aplicações de alta liquidez e baixo risco, como Tesouro Selic ou fundos DI. Para metas de médio prazo, misture títulos pós-fixados (CDBs, LCIs/LCAs), títulos indexados ao IPCA e até fundos multimercado conservadores. Para o longo prazo, inclua renda variável de forma gradual: ações, ETFs ou fundos imobiliários. Diversifique sempre: divida o capital entre diferentes classes de ativos (renda fixa, variável, imóveis), setores (bancos, tecnologia, consumo) e geografias (Brasil, EUA, Europa). Mantenha investimentos com prazos variados para atender a objetivos diferentes. E reavalie seu mix periodicamente: uma carteira 70/30 (70% em renda fixa, 30% em renda variável) serve a perfis moderados; ajustá-la conforme o tempo e o apetite a risco é fundamental.

Slide 11

Agora um exemplo prático: você quer juntar R\$30.000 para uma viagem internacional. Tem R\$15.000 iniciais em um investimento que rende 10% ao ano (aproximadamente 0,797% ao mês) e decide aportar R\$1.000 por mês. Com juros compostos, o saldo cresce não apenas com os aportes, mas com os rendimentos sobre eles. Após 12 meses, aproximadamente, você acumulará cerca de R\$29.000: os R\$15.000 iniciais viram ~R\$16.500 e os R\$12.000 aportados ao longo do ano rendem em média 5%, somando ~R\$12.600. Com mais um mês, no 13º mês, seu saldo

superá R\$30.000, chegando perto de R\$30.270. Sem rendimento algum, levaria 15 meses para economizar o mesmo valor; com juros compostos, você atinge a meta mais rápido. Isso demonstra como os juros compostos encurtam o caminho para os objetivos financeiros.

Slide 12

Vamos desfazer alguns mitos comuns: (1) Não é preciso ter muito dinheiro para começar. O Tesouro Direto permite compras a partir de R\$30; existem CDBs e fundos com tíquetes baixos. (2) Investir não é apostar; embora haja risco, ele pode ser gerenciado por meio de estudo e diversificação. Ao contrário do cassino, onde a casa sempre ganha, aqui você é remunerado pelo crescimento econômico. (3) A poupança não é sempre melhor; em muitas situações ela rende abaixo da inflação, enquanto produtos simples como Tesouro Selic, CDBs 100% do CDI ou fundos de renda fixa oferecem melhor retorno com risco comparável. Informar-se e comparar alternativas é essencial.

Slide 13

Para continuar aprendendo e aplicando, utilize fontes confiáveis. Acesse o site do Tesouro Direto, que contém explicações sobre cada título, simuladores e passo a passo de compra. Explore a B3 Educação, que oferece cursos e vídeos sobre mercado de capitais. Consulte o Portal do Investidor da CVM, que esclarece seus direitos e deveres e mostra alertas de fraudes. E acesse a plataforma Cidadania Financeira do Banco Central, onde você encontra a Calculadora do Cidadão e material de educação financeira. Faça uma lista de leitura e separe tempo para aprender; o conhecimento é seu maior aliado.

Slide 14

Para planejar suas metas financeiras, use simuladores de investimentos. A Calculadora do Cidadão do Banco Central permite calcular o montante final de aplicações com depósitos regulares, inserir a taxa de juros e visualizar a evolução mês a mês. Faça simulações variando a taxa (por exemplo, 9%, 10%, 12% ao ano), o valor dos aportes e o prazo para entender quanto o rendimento impacta no tempo necessário. Sites como InvestNews, InfoMoney e iDinheiro também oferecem calculadoras de juros compostos e projeções de renda fixa e variável. Lembre-se de que simuladores são estimativas: use-os como ferramenta de planejamento, não como garantia. Combine suas próprias anotações de rendimentos passados, expectativas de inflação e orientações de fontes confiáveis.

Slide 15

Encerramos com uma mini-atividade para internalizar o conteúdo: pegue um papel e escreva um objetivo financeiro, seja ele curto, médio ou longo prazo. Determine um prazo realista para atingi-lo (por exemplo, “quero ter R\$50.000 para a entrada do apartamento em cinco anos”). Defina o primeiro passo: abrir conta em uma corretora, fazer o teste de perfil ou iniciar um aporte hoje mesmo. Depois, compartilhe seu plano com o grupo ou uma pessoa de confiança;

verbalizar ajuda a se comprometer. Anote também qualquer dúvida que tenha para buscar esclarecimento. O mais importante é sair daqui com um plano acionável.